

Carta do Gestor

Varejo

Julho 2026

SUMÁRIO

CENÁRIO ECONÔMICO:

BRASIL: O Copom reduziu a taxa Selic em 25 pontos-base, para 14,25%, dando continuidade ao ciclo de cortes de juros e a comunicação é compatível com a continuidade do ciclo de cortes.

EUA: O Federal Reserve manteve a taxa de juros no intervalo de 3,50% a 3,75% na primeira reunião sob o comando do novo presidente, Kevin Warsh.

EUROPA: O Banco Central Europeu elevou a taxa de juros em 25 pontos-base e manteve as próximas decisões em aberto.

CHINA: Economia chinesa perdeu tração em maio, indicando desaceleração do PIB neste trimestre.

PROJEÇÕES:

Projeções da Bradesco Asset para os principais indicadores macroeconômicos.

RENDA FIXA:

A fotografia final do fechamento do mês de junho não traduz, de forma fidedigna, o filme que se desenrolou ao longo das últimas semanas.

RENDA VARIÁVEL:

Os principais vetores dos mercados ao longo do mês seguiram sendo o avanço da temática de inteligência artificial e a redução dos preços do petróleo, refletindo o alívio das tensões geopolíticas no Oriente Médio.

MULTIMERCADO:

Retorno dos principais índices e desempenho dos fundos multimercado.

FUNDOS MULTIGESTORES:

Desempenho dos fundos espelhos



BRASIL

O Copom reduziu a taxa Selic em 25 pontos-base, para 14,25%, dando continuidade ao ciclo de cortes de juros e a comunicação é compatível com a continuidade do ciclo de cortes. Na Ata da última reunião do Copom, o Banco Central detalhou os fundamentos que sustentaram a continuidade do ciclo de calibração monetária em ritmo de 25 pb, com a Selic reduzida para 14,25%. O Comitê apontou que a trajetória de moderação ainda persiste, apesar de sinais de aceleração no 1º trimestre e um mercado de trabalho ainda resiliente. No campo inflacionário, destacou a aceleração do IPCA cheio e das medidas subjacentes, com expectativas de inflação acima da meta em todos os horizontes e desancoragem mais intensa nos prazos longos, além de avaliar um balanço de riscos assimétrico para a inflação, com viés altista. Apesar de uma avaliação mais cautelosa sobre a direção da atividade e mais preocupada com a inflação, o texto destacou a existência de diferentes trajetórias de juros capazes de levar a inflação à meta, deixando em aberto, portanto, a continuidade do ciclo de calibração.

Na mesma linha, o Relatório de Política Monetária (RPM) trouxe projeções benignas para a inflação no horizonte relevante, mesmo com PIB mais forte, hiato revisado para cima no curto prazo e expectativas mais elevadas. A projeção do PIB de 2026 foi revisada de 1,6% para 2,0%, refletindo demanda doméstica mais forte, enquanto a inflação projetada para o 1º trimestre de 2028 (1T28) ficou em 3,2%, cenário condizente com a Selic em 13,75%. A projeção de inflação para o horizonte relevante incorpora a hipótese de um El Niño forte, que pressiona a inflação no curto prazo, mas gera devolução relevante em 2028.



BRASIL

O IPCA-15 avançou 0,41% em junho, com composição mais benigna. O índice desacelerou em relação ao mês anterior, mas seguiu acelerando em 12 meses, de 4,6% para 4,8%. A surpresa baixista veio principalmente de alimentos no domicílio, que devem seguir em trajetória mais favorável nos próximos meses, beneficiadas pela sazonalidade. A leitura também mostrou algum alívio na margem em bens industriais, enquanto a principal surpresa altista ficou concentrada na menor queda dos combustíveis. Qualitativamente, o resultado foi positivo, com núcleos mais comportados do que o esperado. Parte relevante dessa melhora veio dos serviços subjacentes. No geral, os dados sugerem uma menor pressão inflacionária nos próximos meses, em um contexto também favorecido pela recente queda dos preços do petróleo. Ainda assim, as medidas de inflação subjacente seguem em patamares elevados, indicando que o quadro inflacionário demanda cautela.

O IBC-Br avançou 0,5% em abril. Embora a revisão altista do dado de março tenha suavizado parcialmente a leitura, o resultado reforçou o enfraquecimento da atividade no início do segundo trimestre. Na comparação interanual, o indicador cresceu 0,9%, também abaixo do consenso (1,5%), sinalizando desaceleração. Com o resultado, o carregamento estatístico para o segundo trimestre ficou em 0,6%, após avançar 1,3% no primeiro trimestre.



EUA

O Federal Reserve manteve a taxa de juros no intervalo de 3,50% a 3,75% na primeira reunião sob o comando do novo presidente, Kevin Warsh. No comunicado, o Comitê de Política Monetária (FOMC) retirou o viés de corte que constava nas comunicações anteriores e apresentou uma mensagem mais enxuta, com destaque para o enfoque na inflação elevada, atribuída em parte à choques de oferta. O comunicado reforçou o compromisso com a estabilidade de preços. Na coletiva, Warsh adotou tom cauteloso e defendeu que seu mandato não contará com sinalização futura (forward guidance). Em nossa leitura, o tom mais duro da coletiva, somado aos votos indicando viés de alta, fortalecem a necessidade de juros parados por período prolongado.



EUROPA

O Banco Central Europeu elevou a taxa de juros em 25 pontos-base e manteve as próximas decisões em aberto. A presidente Christine Lagarde afirmou que a alta não teve caráter preventivo, mas respondeu à piora já observada do cenário inflacionário, destacando que, sem o ajuste, a inflação poderia permanecer acima da meta no médio prazo. Ainda que o BCE não veja, até o momento, sinais claros de efeitos de segunda ordem, reforçou a preocupação com a persistência do choque de oferta, que não se limita ao preço do petróleo, e com o risco de repasse para outros preços, salários e expectativas. Dessa forma, o BCE não se comprometeu com uma trajetória específica de juros, mantendo em aberto a possibilidade de novas altas.



CHINA

Economia chinesa perdeu tração em maio, indicando desaceleração do PIB neste trimestre. A produção industrial avançou 4,5% na comparação anual. Por outro lado, os dados de demanda doméstica seguiram fracos, as vendas no varejo recuaram 0,6% e os investimentos em ativos fixos caíram 4,1% no acumulado do ano. No conjunto, os dados de abril e maio reforçam a desaceleração mais clara do consumo interno, em oposição à expansão das exportações e dos segmentos ligados à tecnologia e inteligência artificial. Para o segundo trimestre, esse desempenho aponta para um crescimento mais próximo de 4,5%. Olhando à frente, se a economia seguir fraca por mais alguns meses, enxergamos espaço para discussões sobre eventuais medidas de suporte.

PIB

2026	2027
2,00%	1,50%

SELIC

2026	2027
13,75%	11,75%

IPCA

2026	2027
5,40%	4,40%

DÓLAR

2026	2027
5,10	5,20

As projeções expressas neste relatório são apenas indicativas e não são garantidas de forma alguma.

A fotografia final do fechamento do mês de junho não traduz, de forma fidedigna, o filme que se desenrolou ao longo das últimas semanas. Embora o resultado consolidado do mês transmita certa estabilidade relativa, a dinâmica intramês foi marcada por mudanças significativas de narrativa, com o mercado oscilando entre cenários distintos para a política monetária doméstica. Em determinados momentos, a curva de juros chegou a embutir um eventual ciclo de alta de aproximadamente 100 pontos base para julho de 2027, configuração bastante distante do processo de cortes ainda em curso e que evidencia o grau de incerteza que prevaleceu ao longo do período. Nossa percepção de risco é que esse cenário de alta de juros não parecia condizente com o cenário macro atual, e vimos uma correção ao longo das últimas semanas importante para os ativos da renda fixa.

No cenário externo, ainda que o pré acordo entre Estados Unidos e Irã tenha proporcionado alívio parcial nas tensões geopolíticas, os bancos centrais globais permaneceram atentos aos efeitos defasados do recente choque de energia, à normalização dos fluxos de oferta de petróleo e ao risco de repasses inflacionários. Na última semana do mês, o petróleo recuou para patamares próximos aos observados antes do início do conflito, refletindo a retomada do tráfego marítimo e a percepção de menor risco de interrupção da oferta global.

Ainda no plano internacional, o Fed manteve a taxa de juros inalterada, mas adotou uma comunicação mais firme em relação aos próximos passos da política monetária, reforçando o compromisso com a estabilidade dos preços. Esse posicionamento contribuiu para a abertura das curvas de juros nos Estados Unidos, especialmente nos vencimentos mais curtos, com reverberações relevantes sobre os demais mercados globais.

No Brasil, o Copom promoveu novo corte de 25 pontos base na taxa Selic, levando a para 14,25%, e manteve a porta aberta para as próximas reuniões, sem decretar o fim do ciclo de flexibilização nem sinalizar uma barreira elevada para cortes adicionais. Por outro lado, a leitura do cenário trouxe elementos mais duros: os

indicadores domésticos apontaram aceleração da atividade econômica no primeiro trimestre, com mercado de trabalho ainda resiliente, enquanto a inflação cheia e as medidas subjacentes voltaram a se distanciar da meta. As projeções do Banco Central foram revisadas para 3,7%, ante 3,5% anteriormente, para o horizonte relevante de política monetária, mantendo-se acima da meta de 3,0%. O balanço de riscos permaneceu assimétrico, refletindo riscos altistas decorrentes das condições climáticas mais adversas e da continuidade dos estímulos à demanda agregada.

A ata da última reunião do Copom, divulgada na sequência, destacou a existência de diferentes trajetórias possíveis para os juros capazes de garantir a convergência da inflação à meta, contemplando combinações de cortes, pausas e até eventual retomada do processo de calibração. Embora tenha mantido uma linguagem cautelosa e reconhecido a assimetria altista no balanço de riscos, o documento não trouxe sinalização convincente de interrupção do ciclo já na próxima reunião.

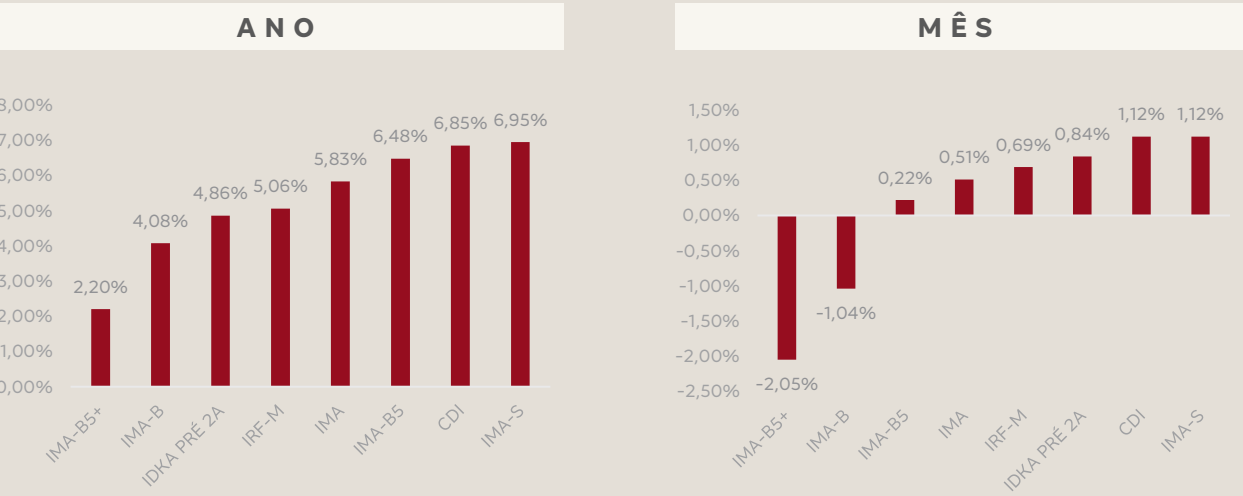
Na mesma linha, o Relatório de Política Monetária apresentou projeções relativamente benignas para a inflação no horizonte relevante, em um cenário ainda assimétrico, especialmente diante da revisão altista da atividade e das expectativas mais desancoradas. As estimativas incorporam a hipótese de um El Niño mais intenso, fator que tende a pressionar a inflação no curto prazo, mas com devolução relevante em 2028, contribuindo para a melhora das projeções no horizonte da política monetária. Adicionalmente, a recente queda do petróleo, que voltou a operar em torno de US\$ 70 por barril, em meio à atenção contínua do mercado global com a dinâmica da commodity, ainda não está plenamente refletida no relatório, representando um fator adicional de alívio para as próximas projeções.

Dessa forma, ainda que a comunicação deixe espaço para diferentes interpretações, a leitura conjunta da ata e do RPM é compatível com um viés mais dovish, ou seja, mais favorável à continuidade do processo de flexibilização monetária ao longo dos próximos meses.

PERSPECTIVAS RENDA FIXA

Em termos de alocação, ao longo de junho mantivemos as exposições a risco, ainda que com menor convicção na tese predominante dos meses anteriores, centrada em um ciclo mais intenso de queda de juros. Preservamos o viés aplicado na curva de juros nominais, com maior concentração nos vértices curtos e intermediários, diante da percepção de que a precificação chegou a incorporar um eventual cenário de alta de juros, configuração que não nos parece compatível com nossas projeções macroeconômicas. Na parcela de juros reais, seguimos com viés aplicado ao longo da curva de NTN Bs, sustentado pela combinação entre proteção inflacionária e níveis de prêmios historicamente atrativos.

RENTABILIDADE DOS PRINCIPAIS BENCHMARKS DE RENDA FIXA



DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Crédito Corporativo IE (28.515.917/0001-48)

Em junho, o mercado de crédito privado manteve uma dinâmica favorável em sua maioria. A combinação entre a retomada da captação líquida pelos fundos de investimento e a escassez de ofertas no mercado primário seguiu sustentando o processo de compressão dos spreads, ainda que de forma mais moderada. No segmento corporativo, observou-se uma diferenciação mais acentuada entre ativos de maior e menor qualidade de crédito, refletindo maior seletividade por parte dos investidores. Ao mesmo tempo, identificamos oportunidades pontuais em emissores que passaram por reprecificações mais generalizadas do que justificadas por seus fundamentos.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Diante de um cenário de juros elevados e spreads menores, mantemos uma postura cautelosa na alocação de recursos, priorizando ativos com boa relação risco-retorno e na geração consistente de valor para os nossos cotistas. O Fundo de Crédito Privado Inflação, que tem como objetivo superar o índice da Anbima de papéis atrelados à inflação de curto prazo, o IMA-B 5, registrou um mês positivo, mas abaixo do índice de referência. Em relação a performance, o desempenho do fundo foi impactado por uma abertura das taxas de juros no curto prazo. Em torno da parcela de crédito, a maior contribuição foi vinculada aos ativos corporativos, com destaque para Rodovias das Colinas, Cosan, Inspirali Educação e Hypera, além da parcela alocada da carteira em FIDCs.

Entre os ativos bancários, destaque para as Letras Financeiras Subordinadas e Perpétuas de grandes bancos, como Itaú, BTG e Caixa. Por outro lado, os papéis da Companhia de Saneamento de Minas Gerais (CSMG), Hapvida e Brasil Tecnologia foram os destaques negativos da carteira. Seguimos monitorando operações tanto no mercado primário, quanto no secundário, com um nível de diligência bastante elevado. Atualmente, o fundo encontra-se com a concentração de 79,8% de crédito, com uma carteira mais concentrada em papéis corporativos e estruturados.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Crédito Privado Inflação (44.315.854/0001-32)

Em junho, o mercado de crédito privado manteve uma dinâmica favorável em sua maioria. A combinação entre a retomada da captação líquida pelos fundos de investimento e a escassez de ofertas no mercado primário seguiu sustentando o processo de compressão dos spreads, ainda que de forma mais moderada. No segmento corporativo, observou-se uma diferenciação mais acentuada entre ativos de maior e menor qualidade de crédito, refletindo maior seletividade por parte dos investidores. Ao mesmo tempo, identificamos oportunidades pontuais em emissores que passaram por reprecificações mais generalizadas do que justificadas por seus fundamentos. Diante de um cenário de juros elevados e spreads menores, mantemos uma postura cautelosa na alocação de recursos, priorizando ativos com boa relação risco-retorno e na geração consistente de valor para os nossos cotistas.

O Fundo de Crédito Privado Inflação, que tem como objetivo superar o índice da Anbima de papéis atrelados à inflação de curto prazo, o IMA-B 5, registrou um mês positivo, mas abaixo do índice de referência. Em relação a performance, o desempenho do fundo foi impactado por uma abertura das taxas de juros no curto prazo. Em torno da parcela de crédito, a maior contribuição foi vinculada aos ativos corporativos, com destaque para Rodovias das Colinas, Cosan, Inspirali Educação e Hypera, além da parcela alocada da carteira em FIDCs. Entre os ativos bancários, destaque para as Letras Financeiras Subordinadas e Perpétuas de grandes bancos, como Itaú, BTG e Caixa. Por outro lado, os papéis da Companhia de Saneamento de Minas Gerais (CSMG), Hapvida e Brasil Tecnologia foram os destaques negativos da carteira.

Seguimos monitorando operações tanto no mercado primário, quanto no secundário, com um nível de diligência bastante elevado. Atualmente, o fundo encontra-se com a concentração de 79,8% de crédito, com uma carteira mais concentrada em papéis corporativos e estruturados.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Crédito Privado Performance 22 (20.216.336/0001-01)

Em junho, o mercado de crédito privado manteve uma dinâmica favorável em sua maioria. A combinação entre a retomada da captação líquida pelos fundos de investimento e a escassez de ofertas no mercado primário seguiu sustentando o processo de compressão dos spreads, ainda que de forma mais moderada. No segmento corporativo, observou-se uma diferenciação mais acentuada entre ativos de maior e menor qualidade de crédito, refletindo maior seletividade por parte dos investidores. Ao mesmo tempo, identificamos oportunidades pontuais em emissores que passaram por reprecificações mais generalizadas do que justificadas por seus fundamentos. Diante de um cenário de juros elevados e spreads menores, mantemos uma postura cautelosa na alocação de recursos, priorizando ativos com boa relação risco-retorno e na geração consistente de valor para os nossos cotistas.

O resultado da estratégia do fundo foi positivo e acima do CDI no mês. A maior contribuição de crédito foi vinculada aos ativos bancários, entre elas as Letras Financeiras Sênior e Subordinada do BTG, Safra e Caixa. No mercado corporativo, os principais destaques foram Tupy, Rodovias das Colinas e Cosan. Por outro lado, os papéis de Hapvida e Companhia de Saneamento de Minas Gerais (CSMG) foram os destaques negativos da carteira. Seguimos monitorando operações tanto no mercado primário, quanto no secundário, com um nível de diligência bastante elevado. Atualmente, o fundo encontra-se com a concentração de 80,2% de crédito, com uma carteira mais concentrada em papéis corporativos.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Crédito Privado Plus (32.387.924/0001-89)

Em junho, o mercado de crédito privado manteve uma dinâmica favorável em sua maioria. A combinação entre a retomada da captação líquida pelos fundos de investimento e a escassez de ofertas no mercado primário seguiu sustentando o processo de compressão dos spreads, ainda que de forma mais moderada. No segmento corporativo, observou-se uma diferenciação mais acentuada entre ativos de maior e menor qualidade de crédito, refletindo maior seletividade por parte dos investidores. Ao mesmo tempo, identificamos oportunidades pontuais em emissores que passaram por reprecificações mais generalizadas do que justificadas por seus fundamentos. Diante de um cenário de juros elevados e spreads menores, mantemos uma postura cautelosa na alocação de recursos, priorizando ativos com boa relação risco-retorno e na geração consistente de valor para os nossos cotistas.

O resultado da estratégia do fundo foi positivo e acima do CDI no mês. A maior contribuição de crédito foi vinculada aos ativos bancários, entre elas as Letras Financeiras Sênior e Subordinada do BTG, Safra e Caixa. No mercado corporativo, os principais destaques foram Tupy, Rodovias das Colinas e Cosan. Por outro lado, os papéis de Hapvida e Companhia de Saneamento de Minas Gerais (CSMG) foram os destaques negativos da carteira. Seguimos monitorando operações tanto no mercado primário, quanto no secundário, com um nível de diligência bastante elevado. Atualmente, o fundo encontra-se com a concentração de 80,2% de crédito, com uma carteira mais concentrada em papéis corporativos.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Crédito Privado Ultra (37.532.786/0001-06)

Em junho, o mercado de crédito privado manteve uma dinâmica favorável em sua maioria. A combinação entre a retomada da captação líquida pelos fundos de investimento e a escassez de ofertas no mercado primário seguiu sustentando o processo de compressão dos spreads, ainda que de forma mais moderada. No segmento corporativo, observou-se uma diferenciação mais acentuada entre ativos de maior e menor qualidade de crédito, refletindo maior seletividade por parte dos investidores. Ao mesmo tempo, identificamos oportunidades pontuais em emissores que passaram por reprecificações mais generalizadas do que justificadas por seus fundamentos. Diante de um cenário de juros elevados e spreads menores, mantemos uma postura cautelosa na alocação de recursos, priorizando ativos com boa relação risco-retorno e na geração consistente de valor para os nossos cotistas.

O fundo Crédito Privado Ultra, que se distingue por uma estratégia mais concentrada em crédito privado e com maior flexibilidade na alocação, registrou um desempenho positivo e acima do CDI no mês. A maior contribuição para os fundos de crédito foi vinculada aos ativos corporativos, com destaque para Cosan, Rodovias das Colinas, Inspirali Educação e Cia de Água e Esgoto do Ceará (CAGECE). Entre os ativos bancários, destaque para as Letras Financeiras Subordinadas e Perpétuas de grandes bancos, como BTG, Itaú e Caixa. Por outro lado, os papéis da Hapvida e Companhia de Saneamento de Minas Gerais (CSMG) foram os destaques negativos da carteira. Seguimos monitorando operações tanto no mercado primário, quanto no secundário, com um nível de diligência bastante elevado.

Atualmente, o fundo encontra-se com a concentração de 88,5% de crédito, com uma carteira mais concentrada em papéis corporativos e estruturados.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Debêntures Incentivadas CDI (32.388.012/0001-21)

Em junho, o mercado de crédito privado manteve uma dinâmica favorável em sua maioria. A combinação entre a retomada da captação líquida pelos fundos de investimento e a escassez de ofertas no mercado primário seguiu sustentando o processo de compressão dos spreads, ainda que de forma mais moderada. No segmento corporativo, observou-se uma diferenciação mais acentuada entre ativos de maior e menor qualidade de crédito, refletindo maior seletividade por parte dos investidores. Ao mesmo tempo, identificamos oportunidades pontuais em emissores que passaram por reprecificações mais generalizadas do que justificadas por seus fundamentos. Diante de um cenário de juros elevados e spreads menores, mantemos uma postura cautelosa na alocação de recursos, priorizando ativos com boa relação risco-retorno e na geração consistente de valor para os nossos cotistas.

Debêntures Incentivadas CDI II (54.829.603/0001-20)

O Fundo de Debêntures Incentivadas CDI II, que adota uma estratégia específica de crédito privado para fomentar a infraestrutura no Brasil e oferece incentivo fiscal em CDI para o investidor pessoa física, apresentou um desempenho positivo no mês, acima do CDI. Na parcela de crédito, a contribuição positiva do portfólio veio de Companhia de Geração e Transmissão Elétrica (CEEE), SPE Saneamento Rio 4, Alupar e VLI Modal. Por outro lado, empresas como Rio Paraná Energia, CTEEP, Brasil Tecnologia e São Simão Energia apresentaram performance negativa no mês. No segmento de infraestrutura, o mês foi marcado pela retomada da compressão dos spreads das debêntures incentivadas após um período de elevação das taxas, com alguns emissores de alta qualidade voltando a negociar abaixo das NTN-Bs de referência.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

A escassez de ativos no mercado primário, combinada à redução do ritmo de resgates e à melhora do fluxo para a classe, contribuiu para um ambiente técnico mais favorável e para o fortalecimento da performance dos ativos. Além disso, investidores aproveitaram os níveis de spreads ainda atrativos para reforçar suas alocações, impulsionando a demanda no mercado secundário. Diante desse cenário, mantemos uma postura disciplinada e seletiva, priorizando emissões de elevada qualidade de crédito e estruturas robustas, com foco na adequada relação risco-retorno e na geração consistente de valor para os cotistas. Seguimos monitorando operações tanto no mercado primário, quanto no secundário, com um nível de diligência bastante elevado. Nessa linha, os principais ativos da carteira são ISA CTEEP, Rio Paraná, São Simão e Companhia Elétrica da Bahia (COELBA).

Atualmente o fundo encontra-se com a concentração aproximada de 72,0% de crédito na carteira.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Debêntures Incentivadas Inflação (44.315.861/0001-34)

O Fundo de Debêntures Incentivadas Inflação, que adota uma estratégia específica de crédito privado para fomentar a infraestrutura no Brasil e oferece incentivo fiscal em IPCA+ para o investidor pessoa física, apresentou um desempenho positivo no mês. Na parcela de crédito, a maior contribuição para o portfólio veio da Metrorio, Isa Energia, CEMAT e Coqueiros. Por outro lado, empresas como Concessionária de Rodovias Noroeste Paulista (CRNP), Barreiras, Vale e Ipiranga apresentaram performance negativa no mês. No segmento de infraestrutura, o mês foi marcado pela retomada da compressão dos spreads das debêntures incentivadas após um período de elevação das taxas, com alguns emissores de alta qualidade voltando a negociar abaixo das NTN-Bs de referência.

A escassez de ativos no mercado primário, combinada à redução do ritmo de resgates e à melhora do fluxo para a classe, contribuiu para um ambiente técnico mais favorável e para o fortalecimento da performance dos ativos. Além disso, investidores aproveitaram os níveis de spreads ainda atrativos para reforçar suas alocações, impulsionando a demanda no mercado secundário. Diante desse cenário, mantemos uma postura disciplinada e seletiva, priorizando emissões de elevada qualidade de crédito e estruturas robustas, com foco na adequada relação risco-retorno e na geração consistente de valor para os cotistas. Seguimos monitorando operações tanto no mercado primário, quanto no secundário, com um nível de diligência bastante elevado. Nessa linha, os principais ativos da carteira são MRS Logística, CEEE, Claro, Ecovias e Cemig Transmissão.

Atualmente o fundo encontra-se com a concentração aproximada de 90,8% de crédito na carteira.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Debêntures Incentivadas Inflação II (54.853.464/0001-70)

O Fundo de Debêntures Incentivadas Inflação II, que adota uma estratégia específica de crédito privado para fomentar a infraestrutura no Brasil e oferece incentivo fiscal em IPCA+ para o investidor pessoa física, apresentou um desempenho positivo no mês. Na parcela de crédito, a maior contribuição para o portfólio veio da Metrorio, Isa Energia, CEMAT e Coqueiros. Por outro lado, empresas como Concessionária de Rodovias Noroeste Paulista (CRNP), Barreiras, Vale e Ipiranga apresentaram performance negativa no mês. No segmento de infraestrutura, o mês foi marcado pela retomada da compressão dos spreads das debêntures incentivadas após um período de elevação das taxas, com alguns emissores de alta qualidade voltando a negociar abaixo das NTN-Bs de referência.

A escassez de ativos no mercado primário, combinada à redução do ritmo de resgates e à melhora do fluxo para a classe, contribuiu para um ambiente técnico mais favorável e para o fortalecimento da performance dos ativos. Além disso, investidores aproveitaram os níveis de spreads ainda atrativos para reforçar suas alocações, impulsionando a demanda no mercado secundário. Diante desse cenário, mantemos uma postura disciplinada e seletiva, priorizando emissões de elevada qualidade de crédito e estruturas robustas, com foco na adequada relação risco-retorno e na geração consistente de valor para os cotistas. Seguimos monitorando operações tanto no mercado primário, quanto no secundário, com um nível de diligência bastante elevado. Nessa linha, os principais ativos da carteira são MRS Logística, CEEE, Claro, Ecovias e Cemig Transmissão.

Atualmente o fundo encontra-se com a concentração aproximada de 90,8% de crédito na carteira.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

DI Premium (03.399.411/0001-90)

Em junho, o mercado de crédito privado manteve uma dinâmica favorável em sua maioria. A combinação entre a retomada da captação líquida pelos fundos de investimento e a escassez de ofertas no mercado primário seguiu sustentando o processo de compressão dos spreads, ainda que de forma mais moderada. No segmento corporativo, observou-se uma diferenciação mais acentuada entre ativos de maior e menor qualidade de crédito, refletindo maior seletividade por parte dos investidores. Ao mesmo tempo, identificamos oportunidades pontuais em emissores que passaram por reprecificações mais generalizadas do que justificadas por seus fundamentos. Diante de um cenário de juros elevados e spreads menores, mantemos uma postura cautelosa na alocação de recursos, priorizando ativos com boa relação risco-retorno e na geração consistente de valor para os nossos cotistas.

Nesse cenário, o fundo Referenciado DI Premium alcançou um resultado positivo e acima do CDI no mês. Dentro da carteira de títulos privados, tivemos contribuições positivas tanto na parcela de ativos corporativos quanto bancários, com destaque para as Letras Financeiras Subordinadas e Perpétuas de grandes bancos, como Bradesco, Itaú e BTG, assim como das empresas Rodovias das Colinas, Cosan e Nova Transportadora Sudeste (NTS). O foco da estratégia é manter uma alocação maior em ativos bancários em comparação aos corporativos, proporcionando um equilíbrio entre excelentes taxas, qualidade e liquidez, ao mesmo tempo em que preserva a natureza conservadora do fundo. Seguimos, com maior cautela, à procura de boas oportunidades no mercado primário e secundário, a fim de incorporar a carteira de crédito, que hoje representa aproximadamente 44,7% do portfólio.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Dívida Externa Crédito Soberano (74.326.471/0001-20)

No mercado offshore, dezembro foi marcado pela estabilidade dos spreads de crédito. Analisando o ano passado como um todo, tivemos a retomada do corte de juros nos Estados Unidos. As Treasuries mantiveram trajetória de fechamento, apesar da persistência de dados de inflação resilientes na economia americana. O CDS Brasil permaneceu estável, mesmo diante de riscos como tarifas e sanções. Por outro lado, os spreads corporativos apresentaram abertura ao longo do tempo, com destaque para Ambipar e Braskem. Considerando a maior concentração de determinados emissores brasileiros no mercado internacional, mantemos postura cautelosa em relação aos bonds nacionais, diante da possibilidade de correções decorrentes da contaminação por recentes casos de reestruturação.

O fundo com exposição a ativos corporativos brasileiros emitidos no exterior obteve desempenho abaixo do CDI no mês, apesar de no ano estar acima.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Inflação Curta (32.742.742/0001-89)

O IMA-B5 teve comportamento relativamente mais defensivo dentro da família dos indexados à inflação, sustentado pela duration mais curta e pela maior contribuição do carregamento. A exposição concentrada em vencimentos até cinco anos reduziu a sensibilidade à abertura das taxas reais longas, mantendo o índice menos exposto ao aumento do term premium que afetou de forma mais intensa os vencimentos mais longos.

Inflação Longa (13.400.050/0001-08)

Os títulos indexados à inflação foram pressionados pela abertura das taxas reais, sobretudo nos vencimentos intermediários e longos. A leitura do mês foi marcada por maior prêmio para carregar duration em NTN-Bs, em um ambiente de inflação ainda resistente, comunicação mais cautelosa de política monetária e incerteza fiscal. O IMA-B, por combinar vértices curtos e longos, ficou no meio termo entre o carregamento dos papéis mais curtos e a marcação negativa da ponta longa.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Max DI (32.312.124/0001-07)

Em junho, o mercado de crédito privado manteve uma dinâmica favorável em sua maioria. A combinação entre a retomada da captação líquida pelos fundos de investimento e a escassez de ofertas no mercado primário seguiu sustentando o processo de compressão dos spreads, ainda que de forma mais moderada. No segmento corporativo, observou-se uma diferenciação mais acentuada entre ativos de maior e menor qualidade de crédito, refletindo maior seletividade por parte dos investidores. Ao mesmo tempo, identificamos oportunidades pontuais em emissores que passaram por reprecificações mais generalizadas do que justificadas por seus fundamentos. Diante de um cenário de juros elevados e spreads menores, mantemos uma postura cautelosa na alocação de recursos, priorizando ativos com boa relação risco-retorno e na geração consistente de valor para os nossos cotistas.

Nesse cenário de manutenção dos spreads corporativos, o fundo Referenciado DI apresentou um resultado positivo e acima do CDI no mês. Dentro da carteira de títulos privados, tivemos contribuições positivas tanto na parcela de ativos corporativos quanto bancários, com destaque para as Letras Financeiras Subordinadas e Perpétuas de grandes bancos, como Itaú, BTG e Santander, além das empresas Concessionária Rodovia Lagos, EDP e Cosan. O foco da estratégia é manter uma alocação maior em ativos bancários em comparação aos corporativos, proporcionando um equilíbrio entre taxas, qualidade e liquidez, ao mesmo tempo em que preserva a natureza conservadora do fundo. Continuamos buscando oportunidades de crédito, seja do mercado primário ou secundário, com a alocação em aproximadamente 43,1% do portfólio.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Multi-índices Max (32.743.313/0001-26)

Junho foi um mês em que a fotografia final do fechamento não traduziu integralmente a dinâmica observada ao longo das semanas, marcada por elevada volatilidade e mudanças relevantes de narrativa, com o mercado chegando a precificar até mesmo um eventual ciclo de alta de juros para 2027. No cenário externo, a redução parcial das tensões entre Estados Unidos e Irã contribuiu para a acomodação do petróleo a níveis próximos a US\$ 70 por barril, enquanto o Fed manteve as taxas inalteradas, mas adotou um tom mais firme em relação aos próximos passos, pressionando as curvas de juros globais.

No Brasil, o Copom promoveu novo corte de 25 pontos-base na Selic, levando-a a 14,25%, e manteve a porta aberta para a continuidade do ciclo, ainda que tenha reconhecido um cenário doméstico desafiador, com atividade aquecida, mercado de trabalho resiliente e inflação se distanciando da meta. A leitura conjunta da ata e do Relatório de Política Monetária, no entanto, sugere um viés mais favorável à continuidade do processo de flexibilização. Em termos de alocação, mantivemos as exposições a risco, com viés aplicado na curva de juros nominais e maior concentração nos vértices curtos e intermediários, dada a percepção de que a precificação atual incorpora cenários mais conservadores do que nossas projeções macroeconômicas.

Na parcela de juros reais, seguimos com viés aplicado ao longo da curva de NTN-Bs, sustentado pela combinação entre proteção inflacionária e níveis de prêmios historicamente atrativos.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Novo Executivo (12.092.501/0001-24)

Em junho, o mercado de crédito privado manteve uma dinâmica favorável em sua maioria. A combinação entre a retomada da captação líquida pelos fundos de investimento e a escassez de ofertas no mercado primário seguiu sustentando o processo de compressão dos spreads, ainda que de forma mais moderada. No segmento corporativo, observou-se uma diferenciação mais acentuada entre ativos de maior e menor qualidade de crédito, refletindo maior seletividade por parte dos investidores. Ao mesmo tempo, identificamos oportunidades pontuais em emissores que passaram por reprecificações mais generalizadas do que justificadas por seus fundamentos. Diante de um cenário de juros elevados e spreads menores, mantemos uma postura cautelosa na alocação de recursos, priorizando ativos com boa relação risco-retorno e na geração consistente de valor para os nossos cotistas.

O fundo com estratégia dedicada ao crédito privado para o público geral obteve resultado positivo e acima do CDI no mês. Dentro da carteira de títulos privados, tivemos contribuições positivas tanto na parcela de ativos corporativos quanto bancários, com destaque para as Letras Financeiras Subordinadas e Perpétuas de grandes bancos, como Caixa, BTG e Bradesco, assim como das empresas Cosan, Rodovias das Colinas, CAGECE e Inspirali Educação. O foco da estratégia é manter uma alocação maior em ativos bancários em comparação aos corporativos, proporcionando um equilíbrio entre excelentes taxas, qualidade e liquidez, ao mesmo tempo em que preserva a natureza conservadora do fundo. O total de crédito privado representa aproximadamente 67,0% do portfólio.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Performance SRI (12.088.861/0001-52)

Em junho, o mercado de crédito privado manteve uma dinâmica favorável em sua maioria. A combinação entre a retomada da captação líquida pelos fundos de investimento e a escassez de ofertas no mercado primário seguiu sustentando o processo de compressão dos spreads, ainda que de forma mais moderada. No segmento corporativo, observou-se uma diferenciação mais acentuada entre ativos de maior e menor qualidade de crédito, refletindo maior seletividade por parte dos investidores. Ao mesmo tempo, identificamos oportunidades pontuais em emissores que passaram por reprecificações mais generalizadas do que justificadas por seus fundamentos. Diante de um cenário de juros elevados e spreads menores, mantemos uma postura cautelosa na alocação de recursos, priorizando ativos com boa relação risco-retorno e na geração consistente de valor para os nossos cotistas.

O fundo Crédito Privado Performance SRI, que se dedica a investir em empresas com responsabilidade social, adquire atualmente cotas do fundo Sustentabilidade, que segue a mesma estratégia, e registrou um desempenho positivo e acima do CDI no mês. A maior contribuição para os fundos de crédito foi vinculada aos ativos corporativos, com destaque para Cemig, Sabesp e Tim. Entre os ativos bancários, destaque para as Letras Financeiras Subordinadas e Perpétuas de grandes bancos, como BTG, Santander e Safra. Por outro lado, os papéis de Transmissora Aliança, COPEL, Hapvida e COELBA foram os destaques negativos da carteira. Seguimos à procura de boas oportunidades nos mercados primários e secundários. Vale destacar que nos últimos meses fomos também vendedores ativos de crédito que sentimos menor confiança, devido ao baixo patamar de spreads de crédito.

Atualmente, o fundo encontra-se com a concentração de 38,4% de crédito, com uma carteira mais concentrada em papéis corporativos e estruturados.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Prefixado Curto (07.364.099/0001-50)

Os prefixados refletiram uma reprecificação não uniforme da curva nominal em junho. A parte curta foi mais sustentada pelo carregamento e pela proximidade da política monetária corrente, enquanto os vértices mais longos continuaram exigindo prêmio adicional diante de inflação resistente, incerteza fiscal e menor clareza sobre a taxa terminal. O IRF-M, por carregar diferentes prazos, capturou essa dispersão entre carregamento e marcação a mercado.

Prefixado Longo (32.388.052/0001-73)

O IRF-M1+ apresentou maior sensibilidade à marcação a mercado do que o IRF-M1, refletindo sua exposição a vencimentos acima de um ano e maior dependência da inclinação da curva nominal. Ainda que o carregamento tenha contribuído positivamente, o desempenho do segmento permaneceu condicionado à reprecificação do ciclo de juros e ao prêmio exigido para alongar duration em um ambiente de inflação e fiscal ainda desafiadores.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Solaro Crédito Privado (49.647.466/0001-72)

Em junho, o mercado de crédito privado manteve uma dinâmica favorável em sua maioria. A combinação entre a retomada da captação líquida pelos fundos de investimento e a escassez de ofertas no mercado primário seguiu sustentando o processo de compressão dos spreads, ainda que de forma mais moderada. No segmento corporativo, observou-se uma diferenciação mais acentuada entre ativos de maior e menor qualidade de crédito, refletindo maior seletividade por parte dos investidores. Ao mesmo tempo, identificamos oportunidades pontuais em emissores que passaram por reprecificações mais generalizadas do que justificadas por seus fundamentos. Diante de um cenário de juros elevados e spreads menores, mantemos uma postura cautelosa na alocação de recursos, priorizando ativos com boa relação risco-retorno e na geração consistente de valor para os nossos cotistas.

O fundo Rating 90, que se dedica a estratégias de crédito privado mais concentradas, registrou um desempenho positivo e acima do CDI no mês. A maior contribuição para os fundos de crédito foram vinculadas aos ativos corporativos, com destaque para Rodovia das Colinas, Alpargatas, Cosan e Cemig. Entre os ativos bancários, destaque para as Letras Financeiras Subordinadas e Perpétuas de grandes bancos, como Safra, BTG e Bradesco. Por outro lado, os papéis de Hapvida e Minais Gerais (CSMG) foram os principais destaques negativos da carteira. Seguimos monitorando operações tanto no mercado primário, quanto no secundário, com um nível de diligência bastante elevado. No mês, as principais compras se concentraram em Letras Financeiras do Banco Seguro, além de debêntures Nova Transportadora Sudeste (NTS), Rede D'Or, Cemig e Vibra Energia.

Atualmente o fundo encontra-se com a concentração de 84,7% de crédito, com uma carteira mais concentrada em papéis corporativos.

PERSPECTIVAS RENDA VARIÁVEL

Os principais vetores dos mercados ao longo do mês seguiram sendo o avanço da temática de inteligência artificial e a redução dos preços do petróleo, refletindo o alívio das tensões geopolíticas no Oriente Médio. Enquanto a forte demanda por infraestrutura ligada à IA continuou sustentando o desempenho das empresas de semicondutores, a queda do petróleo contribuiu para aliviar parte das preocupações inflacionárias globais.

Nos Estados Unidos, a postura cautelosa do Fed diante de uma inflação ainda resiliente levou o mercado a eliminar as expectativas de cortes de juros no curto prazo, passando inclusive a incorporar a possibilidade de novas elevações das taxas. Esse movimento impulsionou a alta dos juros de longo prazo e aumentou a seletividade dos investidores. Ainda assim, empresas diretamente expostas ao ciclo de investimentos em inteligência artificial, especialmente nos segmentos de semicondutores e infraestrutura tecnológica, seguiram entre os principais destaques de performance.

A redução do prêmio de risco geopolítico também favoreceu uma normalização parcial dos preços dos ativos. O petróleo encerrou o mês próximo de USD 70 por barril, movimento que beneficia as perspectivas inflacionárias globais, mas impacta negativamente setores mais ligados à commodity.

No Brasil, o Ibovespa recuou 1,01% no período. Os melhores desempenhos vieram dos setores de Serviços Financeiros, Imobiliário e Bens de Capital & Serviços, enquanto Educação, Energia e Mineração & Siderurgia ficaram entre os destaques negativos.

Apesar da volatilidade de curto prazo, seguimos construtivos com a bolsa brasileira. Os múltiplos permanecem próximos dos menores níveis observados na última década, enquanto um eventual cenário de maior disciplina fiscal a partir de 2027 continua pouco incorporado aos preços dos ativos. Na nossa avaliação, essa combinação mantém uma assimetria favorável para o investidor de longo prazo.

PERSPECTIVAS RENDA VARIÁVEL

Nos fundos, mantivemos o foco em empresas de qualidade, com modelos de negócio resilientes e menor dependência do ciclo econômico. Ao longo do mês, ampliamos a exposição aos setores de energia elétrica e saneamento, mantendo uma postura mais conservadora em temas ligados a commodities e à queda de juros. Seguimos identificando oportunidades em companhias com histórico consistente de execução e capacidade de ganho de participação de mercado, mesmo em um ambiente de juros elevados.

RENTABILIDADE DOS PRINCIPAIS BENCHMARKS DE RENDA VARIÁVEL

	MÊS	ANO	12 MESES	24 MESES	36 MESES
S&P 500 USD	-1,06%	9,55%	20,86%	37,34%	68,51%
MSCI WORLD USD	-0,80%	8,92%	19,85%	37,41%	62,65%
IDIV	1,79%	6,99%	22,30%	40,20%	57,15%
IBOVESPA	-1,01%	6,76%	23,89%	38,83%	45,68%
SMALL CAPS	-3,28%	-4,58%	-1,35%	9,81%	-3,32%
IBRX100	-1,14%	6,72%	23,59%	38,56%	46,30%

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA VARIÁVEL

BDR Nível I Ações (13.401.224/0001-57)

A estratégia BDR teve retorno positivo, porém abaixo do S&P 500 em junho. Destaque positivo para valorização do Dólar em relação ao Real e negativo para desvalorização das ações, seletividade da estratégia. O mês foi marcado por uma acomodação do mercado nos Estados Unidos, com realização de lucros no setor de tecnologia, que havia liderado a recuperação recente das bolsas, mesmo diante dos avanços nas negociações para o fim do conflito entre EUA e Irã. Ao mesmo tempo, indicadores econômicos passaram a mostrar sinais de deterioração, com aumento da inflação, queda dos índices de confiança e condições financeiras mais restritivas, reduzindo o espaço para novos cortes de juros e reforçando uma postura mais cautelosa por parte do Fed.

Em termos setoriais, observou-se uma rotação de recursos de tecnologia e energia — impactada pela queda dos preços do petróleo — para setores como Saúde, Financeiro e Industrial. Mantivemos postura conservadora com posições mais próximas ao índice frente à volatilidade dos mercados.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA VARIÁVEL

Bolsa Americana (18.959.094/0001-96)

O S&P 500 teve retorno negativo em junho. O mês foi marcado por uma acomodação do mercado nos Estados Unidos, com realização de lucros no setor de tecnologia, que havia liderado a recuperação recente das bolsas, mesmo diante dos avanços nas negociações para o fim do conflito entre EUA e Irã. Ao mesmo tempo, indicadores econômicos passaram a mostrar sinais de deterioração, com aumento da inflação, queda dos índices de confiança e condições financeiras mais restritivas, reduzindo o espaço para novos cortes de juros e reforçando uma postura mais cautelosa por parte do Fed. Em termos setoriais, observou-se uma rotação de recursos de tecnologia e energia — impactada pela queda dos preços do petróleo — para setores como Saúde, Financeiro e Industrial.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA VARIÁVEL

Cedro Long Biased IQ (36.521.777/0001-49)

A estratégia Cedro/Long Biased teve desempenho negativo e abaixo do Ibovespa em junho. Os destaques positivos foram a nossa alocação nos setores de Imobiliário, Bancos e Utilidades Públicas. Do lado negativo, prejudicaram o desempenho da estratégia as alocações em Mineração & Siderurgia, Energia e Varejo. Aumentamos a exposição em Utilidades Públicas, Energia e Bancos, reduzindo em Tecnologia, Mídia & Telecom, Mineração & Siderurgia e Papel, Celulose & Madeira. Nossas maiores alocações em termos absolutos estão em Utilidades Públicas, Energia e Bancos. Estamos com exposição comprada no Brasil e vendida no Exterior.

China Ações IE (39.151.551/0001-91)

O Bradesco China apresentou um retorno nominal positivo, mas abaixo de seu benchmark durante o mês. Em junho, o mercado global apresentou maior volatilidade em função da continuidade do conflito entre Estados Unidos e Irã. Apesar do avanço das negociações para um acordo de paz e da reabertura gradual do Estreito de Hormuz ao longo do mês, o aumento das tensões geopolíticas no início do período pressionou os ativos de risco. As bolsas globais tiveram desempenho misto, com o S&P 500 encerrando o mês em leve queda, refletindo principalmente a realização de lucros no setor de tecnologia após o forte desempenho recente. No mercado de renda fixa, as Treasuries apresentaram desempenho misto, enquanto o petróleo devolveu parte da forte alta observada nos meses anteriores com a perspectiva de normalização da oferta.

Os mercados emergentes também registraram desempenho mais fraco, acompanhando o aumento da aversão ao risco durante boa parte do mês. Os fundos investidos apresentaram retornos positivos neste mês. O maior destaque entre os investidos foi o Ninety One China A, enquanto o que menos contribuiu foi o fundo UBS China A Opps.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA VARIÁVEL

Equity Hedge Multimercado (38.376.759/0001-46)

A estratégia Equity Hedge teve desempenho positivo e acima do CDI em junho. Os destaques positivos foram a nossa alocação nos setores de Utilidades Públicas, Imobiliário e Tecnologia, Mídia & Telecom. Do lado negativo, prejudicaram o desempenho da estratégia as alocações em Varejo, Educação e Serviços Financeiros. Aumentamos a exposição em Utilidades Públicas, Logística, Transportes & Infraestrutura e Mineração & Siderurgia, reduzindo em Serviços Financeiros, Papel, Celulose & Madeira e Varejo. Nossas maiores alocações em termos absolutos estão em Utilidades Públicas, Mineração & Siderurgia e Logística, Transportes & Infraestrutura. Estamos com exposição comprada em Brasil e vendida no Exterior.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA VARIÁVEL

Estratégia Crescimento (34.123.529/0001-14)

A estratégia Sequoia/Mid Small Caps teve desempenho negativo e abaixo do Ibovespa em junho. Os destaques positivos foram a nossa alocação nos setores de Imobiliário, Logística, Transportes & Infraestrutura e Serviços Financeiros. Do lado negativo, prejudicaram o desempenho da estratégia as alocações em Consumo, Varejo e Mineração & Siderurgia. Aumentamos a exposição em Varejo, Imobiliário e Mineração & Siderurgia, reduzindo em Bancos, Consumo e Utilidades Públicas. Nossas maiores alocações em termos absolutos estão em Imobiliário, Utilidades Públicas e Logística, Transportes & Infraestrutura.

Estratégia Dividendos (32.312.071/0001-16)

A estratégia Centurion Dividendos teve desempenho negativo, mas acima do Ibovespa em junho. Os destaques positivos foram a nossa alocação nos setores de Utilidades Públicas, Bancos e Imobiliário. Do lado negativo, prejudicaram o desempenho da estratégia as alocações em Energia, Mineração & Siderurgia e Consumo. Aumentamos a exposição em Mineração & Siderurgia, Consumo e Utilidades Públicas, reduzindo em Energia, Serviços Financeiros e Bancos. Nossas maiores alocações em termos absolutos estão em Utilidades Públicas, Energia e Bancos.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA VARIÁVEL

Estratégia Ibovespa Ativo (26.315.539/0001-23)

A estratégia Long Only teve desempenho negativo, mas acima do Ibovespa em junho. Os destaques positivos foram a nossa alocação nos setores de Bancos, Utilidades Públicas e Bens de Capital & Serviços. Do lado negativo, prejudicaram o desempenho da estratégia as alocações em Energia, Mineração & Siderurgia e Serviços Financeiros. Aumentamos a exposição em Utilidades Públicas, Varejo e Bancos, reduzindo em Bens de Capital & Serviços, Mineração & Siderurgia e Tecnologia, Mídia & Telecom. Nossas maiores alocações em termos absolutos estão em Utilidades Públicas, Bancos e Energia.

Estratégia Small Caps (32.387.983/0001-57)

A estratégia Figueira Small Caps teve desempenho negativo, mas acima do SMLL em junho. Os destaques positivos foram a nossa alocação nos setores de Imobiliário, Utilidades Públicas e Serviços Financeiros. Do lado negativo, prejudicaram o desempenho da estratégia as alocações em Consumo, Energia e Varejo. Aumentamos a exposição em Mineração & Siderurgia, Tecnologia, Mídia & Telecom e Saúde, reduzindo em Consumo, Imobiliário e Energia. Nossas maiores alocações em termos absolutos estão em Imobiliário, Varejo e Utilidades Públicas.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA VARIÁVEL

Europa Ações (18.079.081/0001-22)

A estratégia Bradesco Europa teve retorno positivo em junho. Destaques positivos valorização das ações e valorização do Euro em relação Real, e negativo para a seletividade da estratégia. O mês foi marcado por uma acomodação dos mercados globais, com realização de lucros no setor de tecnologia, que havia liderado a recente recuperação das bolsas, enquanto os avanços nas negociações para o fim do conflito entre EUA e Irã ajudaram a reduzir parte das preocupações geopolíticas.

Explorer Horizon (44.704.993/0001-58)

O Bradesco Explorer Horizon apresentou um retorno nominal positivo e acima de seu benchmark durante o mês. Em junho, o cenário externo foi marcado por alta volatilidade nos ativos, combinando incertezas sobre a política monetária dos Estados Unidos e ruídos geopolíticos. O Fed manteve um tom mais duro, reforçando a perspectiva de juros elevados por mais tempo e possibilidade de alta para esse ano. Com isso, as curvas abriram, as bolsas recuaram e o dólar se fortaleceu globalmente. Paralelamente, o fim do conflito no Oriente Médio teve papel central, trazendo o preço do petróleo para baixo. No Brasil, a inflação seguiu pressionada, levando à piora das expectativas no Focus. Apesar de comunicações mais dovish do Copom indicarem espaço para cortes, dados mais fortes e o ambiente global geraram abertura relevante na curva de juros.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA VARIÁVEL

O real apresentou depreciação diante do dólar forte e de fluxos externos mais fracos, enquanto a bolsa sofreu com a aversão ao risco global. A indústria de crédito seguiu com maior estabilidade em relação a retorno e fluxo. O destaque negativo das carteiras foram os papéis de Hapvida, que apresentaram maior abertura pela negociação no mercado secundário. Os fundos investidos apresentaram retornos mistos neste mês. O maior destaque entre os investidos foi o 3G Radar STB, enquanto o que mais detraiu performance foi o fundo BRAM Ibovespa Gestão.

Global Ações IE (18.085.924/0001-01)

A estratégia Global de Ações teve resultado positivo em junho e acima do MSCI World ACWI, índice de referência da estratégia. Destaque positivo para valorização das ações, valorização das moedas em relação ao Real e seletividade da estratégia. O mês foi marcado por uma acomodação dos mercados globais, com realização de lucros no setor de tecnologia, que havia liderado a recente recuperação das bolsas, enquanto os avanços nas negociações para o fim do conflito entre EUA e Irã ajudaram a reduzir parte das preocupações geopolíticas. Os indicadores econômicos passaram a mostrar sinais de enfraquecimento da atividade global, com aumento da inflação, queda da confiança e condições financeiras mais restritivas. Esse cenário reforça a expectativa de pausa no ciclo de cortes de juros pelos principais Bancos Centrais.

Em termos setoriais, observou-se uma rotação de recursos de tecnologia e energia — impactada pela queda dos preços do petróleo — para os setores de Saúde, Financeiro e Industrial. Mantivemos postura conservadora com posições mais próximas ao índice, diante do ambiente ainda volátil dos mercados globais.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA VARIÁVEL

Ibovespa Ações (indexado) (32.387.966/0001-10)

O Ibovespa voltou a perder força em junho, com desempenho pressionado por realização de ganhos, cautela fiscal e rotação global de fluxo para mercados desenvolvidos, especialmente tecnologia nos Estados Unidos. A queda do petróleo na reta final do mês também afetou papéis relevantes do índice, enquanto setores ligados a juros e atividade seguiram sensíveis à perspectiva de Selic elevada por mais tempo.

Japão Ações (21.347.655/0001-00)

A estratégia Bradesco Japão teve retorno positivo em junho. Destaques positivos para valorização das ações, seletividade da estratégia e valorização do iene em relação ao Real. O mês foi marcado por uma acomodação dos mercados globais, com realização de lucros no setor de tecnologia, que havia liderado a recente recuperação das bolsas, enquanto os avanços nas negociações para o fim do conflito entre EUA e Irã ajudaram a reduzir parte das preocupações geopolíticas.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA VARIÁVEL

Multigestores Balanceado (28.428.137/0001-60)

O Bradesco Multigestores Balanceado apresentou um retorno nominal levemente positivo e acima de seu benchmark durante o mês. Em junho, o cenário externo foi marcado por alta volatilidade nos ativos, combinando incertezas sobre a política monetária dos Estados Unidos e ruídos geopolíticos. O Fed manteve um tom mais duro, reforçando a perspectiva de juros elevados por mais tempo e possibilidade de alta para esse ano. Com isso, as curvas abriram, as bolsas recuaram e o dólar se fortaleceu globalmente. Paralelamente, o fim do conflito no Oriente Médio teve papel central, trazendo o preço do petróleo para baixo. No Brasil, a inflação seguiu pressionada, levando à piora das expectativas no Focus. Apesar de comunicações mais dovish do Copom indicarem espaço para cortes, dados mais fortes e o ambiente global geraram abertura relevante na curva de juros.

O real apresentou depreciação diante do dólar forte e de fluxos externos mais fracos, enquanto a bolsa sofreu com a aversão ao risco global. A indústria de crédito seguiu com maior estabilidade em relação a retorno e fluxo. O destaque negativo das carteiras foram os papéis de Hapvida, que apresentaram maior abertura pela negociação no mercado secundário. Os fundos investidos apresentaram retornos mistos neste mês. O maior destaque entre os investidos foi o AZ Quest Top Long Biased Ações, enquanto o que mais detraiu performance foi o fundo Feeder Squadra LB ST FIA.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA VARIÁVEL

Sustentabilidade Empresarial (07.187.751/0001-08)

A estratégia Sustentabilidade teve desempenho positivo e acima do Ibovespa em junho. Os destaques positivos foram a nossa alocação nos setores de Bancos, Utilidades Públicas e Bens de Capital & Serviços. Do lado negativo, prejudicaram o desempenho da estratégia as alocações em Serviços Financeiros, Papel, Celulose & Madeira e Tecnologia, Mídia & Telecom. Aumentamos a exposição em Papel, Celulose & Madeira, Energia e Utilidades Públicas, reduzindo em Bancos, Serviços Financeiros e Bens de Capital & Serviços. Nossas maiores alocações em termos absolutos estão em Bancos, Utilidades Públicas e Energia.

DESEMPENHO DOS FUNDOS MULTIMERCADO

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA VARIÁVEL

Família Carteira Bradesco (44.302.283/0001-00)

Fundo em processo de encerramento - alocação 100% FEDERAL II - PL abaixo de R\$ 6 mm

Danúbio Juros e Moedas (42.878.589/0001-75)

Junho foi marcado por uma mudança relevante de narrativa ao longo do mês. A primeira quinzena foi dominada pela escalada das tensões geopolíticas no Oriente Médio, sustentando o petróleo em patamares elevados e reforçando preocupações inflacionárias globais. Esse ambiente levou os mercados a revisarem as expectativas de flexibilização monetária, pressionando ativos de risco e fortalecendo o dólar. Na segunda metade do mês, a redução das tensões geopolíticas e a consequente queda do petróleo contribuíram para uma melhora do sentimento dos investidores. No Brasil, a combinação entre um IPCA-15 abaixo do esperado, a queda do petróleo e uma comunicação do Banco Central considerada firme, porém sem eliminar a perspectiva de flexibilização futura, favoreceu o fechamento da curva de juros e a recuperação dos ativos locais.

Dessa forma, apesar da elevada volatilidade observada ao longo do período, os retornos dos principais mercados terminaram junho próximos da estabilidade, com destaque para a valorização do dólar e de moedas de países desenvolvidos frente ao real. Pela ótica da estratégia, a exposição direcional em juros reais, especialmente nos vértices intermediários (de 3 a 5 anos) trouxeram impacto negativo ao fundo. Por outro lado, a exposição direcional aos juros nominais (prefixado) incrementada na segunda quinzena de junho foram determinantes para o desempenho do fundo. A alocação em moedas, com preferência por mercados desenvolvidos, trouxe reflexo positivo, resultando em um desempenho consolidado acima do CDI.

DESEMPENHO DOS FUNDOS MULTIMERCADO

BRADESCO DEB. INCENTIVADAS CDI ATIVO (62.617.588/0001-84)

O Fundo de Debêntures Incentivadas CDI Ativo apresentou desempenho positivo no mês, ainda que inferior ao CDI, refletindo principalmente o impacto negativo das posições direcionais em juros reais, com destaque para os vértices intermediários da curva (3 a 5 anos), bem como a exposição de valor relativo nos juros nominais e reais e a abertura dos spreads de crédito. Junho foi marcado por uma mudança relevante de narrativa ao longo do mês. A primeira quinzena foi dominada pela escalada das tensões geopolíticas no Oriente Médio, sustentando o petróleo em patamares elevados e reforçando preocupações inflacionárias globais. Esse ambiente levou os mercados a revisarem as expectativas de flexibilização monetária, pressionando ativos de risco e fortalecendo o dólar.

Na segunda metade do mês, a redução das tensões geopolíticas e a consequente queda do petróleo contribuíram para uma melhora do sentimento dos investidores. No Brasil, a combinação entre um IPCA-15 abaixo do esperado, a queda do petróleo e uma comunicação do Banco Central considerada firme, porém sem eliminar a perspectiva de flexibilização futura, favoreceu o fechamento da curva de juros e a recuperação dos ativos locais. Dessa forma, apesar da elevada volatilidade observada ao longo do período, os retornos dos principais mercados terminaram junho próximos da estabilidade, com destaque para a valorização do dólar e de moedas de países desenvolvidos frente ao real. Já para o mercado de crédito privado apresentou desempenho positivo, com os fundos da classe entregando, em sua grande maioria, retornos acima das taxas de carregamento.

DESEMPENHO DOS FUNDOS MULTIMERCADO

O número de ofertas primárias permaneceu escasso, o que deve continuar sendo um importante vetor para manter os spreads em patamares mais baixos. Além disso, a manutenção da captação nos fundos de investimento contribuiu para esse processo de melhora. Dado o cenário de juros mais elevados e spreads de crédito mais comprimidos, buscamos manter uma postura cautelosa e seletiva na alocação de recursos ao longo dos próximos meses. No segmento de infraestrutura, os spreads das debêntures isentas voltaram a cair após alguns meses de alta, com alguns nomes de qualidade voltando a negociar abaixo das NTN-Bs de referência. A escassez de ativos no mercado primário, combinada com a redução do ritmo de resgates de produtos no mês, contribuiu para a melhora da performance.

Além disso, investidores mais atentos aos spreads elevados aproveitaram o nível atual do mercado para reforçar a alocação, melhorando o volume de aportes de recursos na classe.

DESEMPENHO DOS FUNDOS MULTIMERCADO

ESG Global (38.860.877/0001-25)

No mercado internacional, o mês foi marcado por um ambiente de maior cautela por parte dos investidores, refletido na elevação marginal do CDS Brasil e no aumento da sensibilidade dos mercados a questões políticas domésticas e seus potenciais impactos sobre a economia. Nesse contexto, observou-se uma maior aversão ao risco, ainda que os spreads dos bonds corporativos brasileiros tenham permanecido relativamente estáveis ao longo do período. Em paralelo, as Treasuries apresentaram desempenho positivo, com o rendimento dos títulos americanos de 10 anos recuando ao menor nível dos últimos dois meses. Em contraste, os bonds de empresas de tecnologia seguiram enfrentando um ambiente mais desafiador.

Diante desse cenário, mantemos uma postura seletiva e disciplinada, priorizando emissores com fundamentos sólidos, sem abrir mão da preservação de capital em um ambiente que permanece sujeito a oscilações relevantes. O fundo que tem como objetivo alocar em empresas voltadas para o tema ESG, e que equilibra uma alocação em ativos locais, obteve desempenho acima do CDI no mês. Em junho, o mercado de crédito privado manteve uma dinâmica favorável em sua maioria. A combinação entre a retomada da captação líquida pelos fundos de investimento e a escassez de ofertas no mercado primário seguiu sustentando o processo de compressão dos spreads, ainda que de forma mais moderada. No segmento corporativo, observou-se uma diferenciação mais acentuada entre ativos de maior e menor qualidade de crédito, refletindo maior seletividade por parte dos investidores.

Ao mesmo tempo, identificamos oportunidades pontuais em emissores que passaram por reprecificações mais generalizadas do que justificadas por seus fundamentos. Diante de um cenário de juros elevados e spreads menores, mantemos uma postura cautelosa na alocação de recursos, priorizando ativos com boa relação risco-retorno e na geração consistente de valor para os nossos cotistas.

DESEMPENHO DOS FUNDOS MULTIMERCADO

Explorer Challenge (51.709.979/0001-02)

O Bradesco Explorer Challenge apresentou um retorno nominal positivo, mas abaixo de seu benchmark durante o mês. Em junho, o cenário externo foi marcado por alta volatilidade nos ativos, combinando incertezas sobre a política monetária dos Estados Unidos e ruídos geopolíticos. O Fed manteve um tom mais duro, reforçando a perspectiva de juros elevados por mais tempo e possibilidade de alta para esse ano. Com isso, as curvas abriram, as bolsas recuaram e o dólar se fortaleceu globalmente. Paralelamente, o fim do conflito no Oriente Médio teve papel central, trazendo o preço do petróleo para baixo. No Brasil, a inflação seguiu pressionada, levando à piora das expectativas no Focus. Apesar de comunicações mais dovish do Copom indicarem espaço para cortes, dados mais fortes e o ambiente global geraram abertura relevante na curva de juros.

O real apresentou depreciação diante do dólar forte e de fluxos externos mais fracos, enquanto a bolsa sofreu com a aversão ao risco global. A indústria de crédito seguiu com maior estabilidade em relação a retorno e fluxo. O destaque negativo das carteiras foram os papéis de Hapvida, que apresentaram maior abertura pela negociação no mercado secundário. Os fundos investidos apresentaram retornos mistos neste mês. O maior destaque entre os investidos foi o SPX Hornet Equity Hedge B, enquanto o que mais detraiu performance foi o fundo Springs Equity Hedge Plus.

DESEMPENHO DOS FUNDOS MULTIMERCADO

Família Alocação (01.606.543/0001-10)

Junho foi marcado por uma mudança relevante de narrativa ao longo do mês. A primeira quinzena foi dominada pela escalada das tensões geopolíticas no Oriente Médio, sustentando o petróleo em patamares elevados e reforçando preocupações inflacionárias globais. Esse ambiente levou os mercados a revisarem as expectativas de flexibilização monetária, pressionando ativos de risco e fortalecendo o dólar. Na segunda metade do mês, a redução das tensões geopolíticas e a consequente queda do petróleo contribuíram para uma melhora do sentimento dos investidores. No Brasil, a combinação entre um IPCA-15 abaixo do esperado, a queda do petróleo e uma comunicação do Banco Central considerada firme, porém sem eliminar a perspectiva de flexibilização futura, favoreceu o fechamento da curva de juros e a recuperação dos ativos locais.

Dessa forma, apesar da elevada volatilidade observada ao longo do período, os retornos dos principais mercados terminaram junho próximos da estabilidade, com destaque para a valorização do dólar e de moedas de países desenvolvidos frente ao real. Como consequência, as carteiras apresentaram desempenho inferior ao CDI. Os principais vetores de performance foram os ativos de renda variável local, além da renda fixa doméstica, principalmente nos ativos atrelados à inflação, que acabaram impactando negativamente a carteira.

DESEMPENHO DOS FUNDOS MULTIMERCADO

Multigestores Max (32.743.384/0001-29)

O Bradesco Multigestores Max apresentou um retorno nominal positivo, mas abaixo de seu benchmark durante o mês. Em junho, o cenário externo foi marcado por alta volatilidade nos ativos, combinando incertezas sobre a política monetária dos Estados Unidos e ruídos geopolíticos. O Fed manteve um tom mais duro, reforçando a perspectiva de juros elevados por mais tempo e possibilidade de alta para esse ano. Com isso, as curvas abriram, as bolsas recuaram e o dólar se fortaleceu globalmente. Paralelamente, o fim do conflito no Oriente Médio teve papel central, trazendo o preço do petróleo para baixo. No Brasil, a inflação seguiu pressionada, levando à piora das expectativas no Focus. Apesar de comunicações mais dovish do Copom indicarem espaço para cortes, dados mais fortes e o ambiente global geraram abertura relevante na curva de juros.

O real apresentou depreciação diante do dólar forte e de fluxos externos mais fracos, enquanto a bolsa sofreu com a aversão ao risco global. A indústria de crédito seguiu com maior estabilidade em relação a retorno e fluxo. O destaque negativo das carteiras foram os papéis de Hapvida, que apresentaram maior abertura pela negociação no mercado secundário. Os fundos investidos apresentaram retornos mistos neste mês. O maior destaque entre os investidos foi o Bradesco Multigestores Plus.

DESEMPENHO DOS FUNDOS MULTIMERCADO

Multigestores Multimercado (07.667.620/0001-28)

O Bradesco Multigestores apresentou um retorno nominal positivo, mas abaixo de seu benchmark durante o mês. Em junho, o cenário externo foi marcado por alta volatilidade nos ativos, combinando incertezas sobre a política monetária dos Estados Unidos e ruídos geopolíticos. O Fed manteve um tom mais duro, reforçando a perspectiva de juros elevados por mais tempo e possibilidade de alta para esse ano. Com isso, as curvas abriram, as bolsas recuaram e o dólar se fortaleceu globalmente. Paralelamente, o fim do conflito no Oriente Médio teve papel central, trazendo o preço do petróleo para baixo. No Brasil, a inflação seguiu pressionada, levando à piora das expectativas no Focus. Apesar de comunicações mais dovish do Copom indicarem espaço para cortes, dados mais fortes e o ambiente global geraram abertura relevante na curva de juros.

O real apresentou depreciação diante do dólar forte e de fluxos externos mais fracos, enquanto a bolsa sofreu com a aversão ao risco global. A indústria de crédito seguiu com maior estabilidade em relação a retorno e fluxo. O destaque negativo das carteiras foram os papéis de Hapvida, que apresentaram maior abertura pela negociação no mercado secundário. Os fundos investidos apresentaram retornos mistos neste mês. O maior destaque entre os investidos foi o Bradesco Equity Hedge, enquanto o que mais detraiu performance foi o fundo BTG Multimanager BBDC.

DESEMPENHO DOS FUNDOS MULTIMERCADO

Multigestores Plus (28.428.129/0001-14)

O Bradesco MM Multigestores Plus apresentou um retorno nominal positivo, mas abaixo de seu benchmark durante o mês. Em junho, o cenário externo foi marcado por alta volatilidade nos ativos, combinando incertezas sobre a política monetária dos Estados Unidos e ruídos geopolíticos. O Fed manteve um tom mais duro, reforçando a perspectiva de juros elevados por mais tempo e possibilidade de alta para esse ano. Com isso, as curvas abriram, as bolsas recuaram e o dólar se fortaleceu globalmente. Paralelamente, o fim do conflito no Oriente Médio teve papel central, trazendo o preço do petróleo para baixo. No Brasil, a inflação seguiu pressionada, levando à piora das expectativas no Focus. Apesar de comunicações mais dovish do Copom indicarem espaço para cortes, dados mais fortes e o ambiente global geraram abertura relevante na curva de juros.

O real apresentou depreciação diante do dólar forte e de fluxos externos mais fracos, enquanto a bolsa sofreu com a aversão ao risco global. A indústria de crédito seguiu com maior estabilidade em relação a retorno e fluxo. O destaque negativo das carteiras foram os papéis de Hapvida, que apresentaram maior abertura pela negociação no mercado secundário. Os fundos investidos apresentaram retornos mistos neste mês. O maior destaque entre os investidos foi o SPX Estratégia Nimitz Multimercado, enquanto o que mais detraiu performance foi o fundo Sharp Estratégia STB Multimercado.

DESEMPENHO DOS FUNDOS MULTIMERCADO

Ômega Multimercado (35.847.960/0001-76)

Junho foi marcado por uma mudança relevante de narrativa ao longo do mês. A primeira quinzena foi dominada pela escalada das tensões geopolíticas no Oriente Médio, sustentando o petróleo em patamares elevados e reforçando preocupações inflacionárias globais. Esse ambiente levou os mercados a revisarem as expectativas de flexibilização monetária, pressionando ativos de risco e fortalecendo o dólar. Na segunda metade do mês, a redução das tensões geopolíticas e a consequente queda do petróleo contribuíram para uma melhora do sentimento dos investidores. No Brasil, a combinação entre um IPCA-15 abaixo do esperado, a queda do petróleo e uma comunicação do Banco Central considerada firme, porém sem eliminar a perspectiva de flexibilização futura, favoreceu o fechamento da curva de juros e a recuperação dos ativos locais.

Dessa forma, apesar da elevada volatilidade observada ao longo do período, os retornos dos principais mercados terminaram junho próximos da estabilidade, com destaque para a valorização do dólar e de moedas de países desenvolvidos frente ao real. Pela ótica da estratégia, a exposição direcional em juros reais, especialmente nos vértices intermediários (de 3 a 5 anos) trouxeram impacto negativo ao fundo. As posições de valor relativo nos juros nominais e reais também foram detratoras de rentabilidade, resultando em um desempenho consolidado abaixo do CDI.

DESEMPENHO DOS FUNDOS MULTIMERCADO

Ouro (37.235.748/0001-83)

O ouro em dólares sofreu correção relevante ao longo de junho, refletindo a combinação entre dólar global mais forte, reprecificação dos juros reais americanos e redução parcial do prêmio geopolítico. A volatilidade realizada aumentou em relação a maio, com movimentos diários mais amplos, mas o vetor dominante passou a ser o ajuste do custo de oportunidade do metal em um ambiente de Fed ainda restritivo.

DESEMPENHO DOS FUNDOS CAMBIAIS

Cambial Dólar H (02.294.024/0001-26)

O dólar apresentou recomposição frente ao real em junho, revertendo parte da queda acumulada nos meses anteriores. O movimento refletiu maior cautela com emergentes, ajuste de fluxo e percepção de risco doméstico, em meio a ruídos fiscais, dados de atividade mais fracos e ambiente externo ainda condicionado ao tom do Fed. Apesar do carregamento local seguir elevado, o câmbio voltou a incorporar prêmio de risco de curto prazo.

RETORNO DOS DIVERSOS ÍNDICES DE MERCADO

Junho	2026	2025	2024	2023	2022	2021	2020	2019	2018	2017	ACUM. a.a.
DÓLAR 2,37%	S&P 500 9,55%	Ouro 46,65%	OURO 59,64%	S&P 500 24,23%	IHFA 13,57%	S&P 500 26,89%	OURO 55,93%	IBX 33,39%	DÓLAR 17,13%	IBX 27,55%	S&P 500 234,97% 12,90%
IMA-S 1,12%	IMA-S 6,95%	Ibovespa 33,95%	DÓLAR 27,91%	Ibovespa 22,28%	IMA-S 12,74%	DÓLAR 7,39%	DÓLAR 28,93%	Ibovespa 31,58%	OURO 16,93%	Ibovespa 26,86%	IBX 192,83% 11,39%
CDI 1,12%	CDI 6,85%	IBX 33,45%	S&P 500 23,31%	IBX 21,27%	CDI 12,39%	IMA-S 4,67%	S&P 500 16,26%	S&P 500 28,88%	IBX 15,42%	S&P 500 19,42%	Ouro 188,72% 11,23%
IRF-M 0,69%	Ibovespa 6,76%	IRF-M 18,22%	IMA-S 11,11%	IRF-M 16,51%	IRF-M 8,82%	OURO 4,43%	IRF-M 6,69%	OURO 28,10%	Ibovespa 15,03%	IRF-M 15,20%	Ibovespa 185,63% 11,11%
IHFA 0,11%	IBX 6,72%	S&P 500 16,39%	CDI 10,83%	IMA-B 16,05%	IMA-B 6,37%	CDI 4,42%	IMA-B 6,41%	IMA-B 22,95%	IMA-B 13,06%	OURO 13,89%	IRF-M 139,69% 9,17%
Ibovespa -1,01%	IRF-M 5,06%	IHFA 15,09%	IHFA 5,65%	IMA-S 13,25%	Ibovespa 4,69%	IHFA 1,79%	IHFA 5,27%	IRF-M 12,03%	IRF-M 10,73%	IMA-B 12,79%	IMA-B 133,67% 8,89%
IMA-B -1,04%	IMA-B 4,08%	IMA-S 14,55%	IRF-M 1,86%	CDI 12,99%	IBX 4,02%	IMA-B -1,26%	IBX 3,50%	IHFA 11,12%	IHFA 7,09%	IHFA 12,41%	IMA-S 131,44% 8,79%
S&P 500 -1,06%	IHFA 2,84%	CDI 14,32%	IMA-B -2,44%	IHFA 9,27%	DÓLAR -6,50%	IRF-M -1,99%	Ibovespa 2,92%	IMA-S 5,99%	CDI 6,42%	IMA-S 10,16%	CDI 128,86% 8,66%
IBX -1,14%	DÓLAR -5,92%	IMA-B 13,17%	IBX -9,71%	OURO -5,96%	OURO -8,48%	IBX -11,17%	CDI 2,76%	CDI 5,96%	IMA-S 6,42%	CDI 9,93%	IHFA 124,45% 8,45%
OURO -9,50%	Ouro -13,12%	DÓLAR -11,14%	Ibovespa -10,36%	DÓLAR -7,21%	S&P 500 -19,44%	Ibovespa -11,93%	IMA-S 2,39%	DÓLAR 4,02%	S&P 500 -6,24%	DÓLAR 1,50%	DÓLAR 58,84% 4,75%

MÍDIAS SOCIAIS

Quer acompanhar a indústria de fundos e ficar por dentro das novidades?



YouTube

Bradesco Asset Management



Instagram

@bradesco.asset



LinkedIn

Bradesco Asset Management



Site

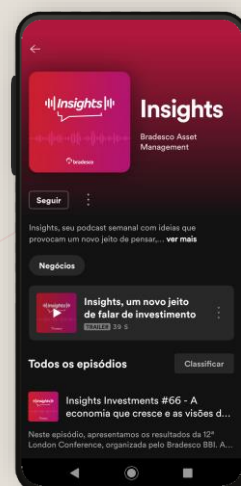
bram.bradesco



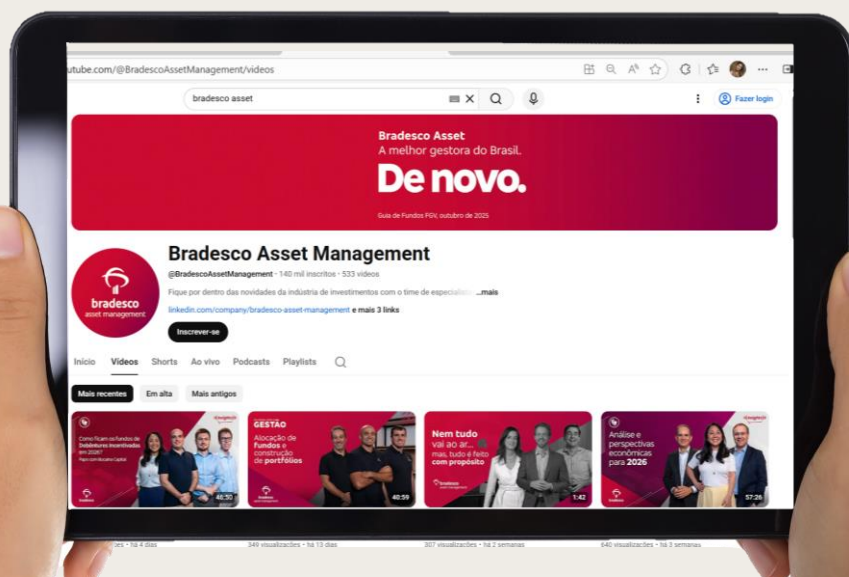
Ouçá nossos gestores e analistas no

Podcast Insights

no **Spotify** ou na plataforma de sua preferência



Toda semana, trazemos assuntos em alta com análises econômicas e amplo conteúdo de fundos.



INFORMAÇÕES IMPORTANTES

Material de divulgação produzido pela Bradesco Asset Management, departamento de gestão de recursos do Banco Bradesco S.A. Todas as opiniões, estimativas e projeções que constam do presente material traduzem nosso julgamento no momento da sua elaboração e podem ser modificadas a qualquer momento e sem aviso prévio, a exclusivo critério do Bradesco e sem nenhum ônus e/ou responsabilidade para este. O Bradesco não será responsável, ainda, por quaisquer perdas diretas, indiretas ou quaisquer tipos de prejuízos e/ou lucros cessantes que possam ser decorrentes do uso deste conteúdo. Qualquer decisão de contratar a estrutura aqui apresentada deve ser baseada exclusivamente em análise do cliente, sendo exclusivamente do cliente a responsabilidade por tal decisão. Nenhuma suposição, projeção ou exemplificação constante deste material deve ser considerada como garantia de eventos futuros, rentabilidade e/ou de "performance". Este documento não constitui e nem deve ser interpretado como sendo solicitação de compra ou venda, oferta, convite, análise de valor mobiliário, recomendação de qualquer ativo financeiro ou investimento, contratação da estrutura ou qualquer obrigação por parte do Bradesco, de qualquer forma e em qualquer nível. O conteúdo deste material foi elaborado com base em informações públicas, e o Bradesco não assegura e/ou garante, seja de forma expressa ou implícita, sobre a integridade, confiabilidade ou exatidão dessas informações. Os instrumentos financeiros discutidos neste material estão sujeitos a riscos de mercado, liquidez e risco de crédito do emissor, e podem não ser adequados para todos os investidores. Este material não leva em consideração os objetivos de investimento, situação financeira ou necessidades específicas de qualquer investidor. Os clientes interessados em investir nas estratégias aqui apresentadas devem procurar aconselhamento financeiro conforme seus interesses, antes de tomar qualquer decisão de investimento, sendo de sua exclusiva responsabilidade a decisão de investimento. Este conteúdo se destina ao uso exclusivo do destinatário, e não pode ser reproduzido, copiado, alterado, total ou parcialmente, ou distribuído a qualquer pessoa sem o prévio consentimento por escrito da Bradesco Asset Management. Os comentários de gestão dos fundos de investimento espelho não foram produzidos pela Bradesco Asset Management e sim enviado pelos gestores terceiros. Os investimentos em fundos não são garantidos pelo administrador, pelo gestor, por qualquer mecanismo de seguro ou pelo Fundo Garantidor de Crédito - FGC. ANTES DE INVESTIR, LEIA A LÂMINA DE INFORMAÇÕES ESSENCIAIS, SE HOUVER, ASSIM COMO O REGULAMENTO, ANEXO-CLASSE E APÊNDICE SUBCLASSE, CONFORME O CASO. Os documentos podem ser encontrados no site da CVM por meio de consulta pelo CNPJ do Fundo.

O Fundo não aceita aporte diretamente. No PGBL há incidência de Imposto de Renda ("IR") sobre o montante total do resgate, de acordo com o modelo de tributação escolhido (progressiva ou regressiva), sendo passível de dedução na base de cálculo de até 12% dos rendimentos tributáveis para Pessoa Física que seja contribuinte do INSS e que faça a declaração pelo modelo completo de IR. No VGBL há incidência de Imposto de Renda ("IR") sobre os rendimentos, de acordo com o modelo de tributação escolhido (progressiva ou regressiva) no momento do resgate. Os beneficiários de aposentadoria ou pensão dos regimes mencionados ficam dispensados da regra de recolhimento de contribuição no regime geral ou próprio de previdência social para fins de dedução das contribuições no PGBL. Consulte o regulamento do Plano de Previdência e/ou Plano VGBL para mais informações.

Bradesco Vida e Previdência S.A. - CNPJ 51.990.695/0001-37 - Avenida Alphaville, 779 - Empresarial 18 do Forte - Barueri/SP - CEP 06472-900. A aprovação do plano pela SUSEP não implica, por parte da autarquia, incentivo ou recomendação a sua comercialização. De acordo com a Lei nº 14.803/2024, o participante tem a opção de escolher o regime tributário no momento do primeiro resgate ou do recebimento do benefício. Informamos os tributos incidentes sobre prêmios ao seguro de vida com cobertura por sobrevivência: PIS, 0,65% (*); COFINS, 4,00% (*); IOF, entre 0% e 7,38% (*). Tributos sobre as contribuições de previdência privada e FAPI: PIS, 0,65% (*); COFINS, 4,00% (*). Tributos sobre a taxa de administração: PIS, 0,65% (*); COFINS, 4,00% (*); ISS, de 2% a 5% (*).

(*) Apurados e recolhidos nos termos da legislação aplicável. O regulamento poderá ser consultado no portal da SUSEP, na rede mundial de computadores. Os direitos e as obrigações das partes estão definidos na proposta e no regulamento do plano contratado.

Para saber mais sobre esse e outros fundos, acesse app

Bradesco > Investimentos > Investir > Fundos de Investimento e busque pelo nome.

Se preferir, consulte seu gerente de relacionamento ou fale com nossos especialistas de investimentos:

Por telefone

Fone Fácil Bradesco: 4002 0022 / 0800 570 0022 | **SAC – Alô Bradesco:** 0800 704 8383 | **SAC – Deficiência Auditiva ou de Fala:** 0800 722 0099 | Ouvidoria: 0800 727 9933. **Assessoria de Investimentos:** Capitais e regiões metropolitanas: 4020 1414 | Demais localidades: 0800 704 1414 – Em dias úteis, das 8h às 19h – horário de Brasília.

